



De Jerusalém ao *Kibutz*: a trajetória de um judeu militante e sua rebelião em *De amor e trevas*

From Jerusalem to Kibbutz: the Trajectory of a Militant Jew and His Rebellion in *Love and Darkness*

Sandra de Almada Mota Arantes*

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR) | Formiga, Brasil
sandraprof@uniformg.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a história de Amós Oz, narrada em *De amor e trevas*. O escritor, um judeu militante que se rebela contra o *status quo* do judaísmo. Na busca de uma outra identidade e na tentativa de explicar os motivos de sua rebelião, relata cenas de um passado que lhe enrijeceram o coração, mas, ainda assim, deixaram em sua memória marcas profundas da tradição judaica as quais estão presentes intensamente em sua escrita. Na narrativa, ecoam vozes da infância vivida em Jerusalém que transmitem um conteúdo verbal, questão judaica vista como uma necessidade para que seja deixada aos filhos a tradição da escrita para a memória e posteridade.

Palavras-chave: Amos Oz. Memória. Posteridade.

Abstract: This article presents a reflection on the story of Amos Oz, narrated in *Love and Darkness*, a militant Jew who rebels against Judaism. In the quest for a new identity and in an attempt to explain the reasons for his rebellion, he recounts scenes from a past that had stiffened his heart but still left in his memory profound marks of the Jewish tradition which are present intensely in his writing. In the narrative echoes voices of childhood lived in Jerusalem that convey a verbal content, Jewish issue seen as a necessity for the children's tradition of writing for memory and posterity.

Keywords: Amos Oz. Memory. Posterity.

Amós Oz, o autor que assina a capa de *De amor e trevas*, publicado no Brasil, em 2005, descreve, em uma narrativa emocionante, a história do menino Oz e de sua família, na Jerusalém da década de 1940 e 1950, em um campo de refugiados, onde sentiram de perto o preconceito antissemita. O escritor descreve aspectos da história de Israel, das famílias de imigrantes que ali chegavam para construir um lar, das suas relações com os que lá moravam anteriormente e, ainda, do convívio de habitantes judeus com os sobreviventes

* Professora do Centro Universitário de Formiga.



da Shoah. Seus pais eram intelectuais, o pai, Árie Klausner, era poliglota e profundo conhecedor de linguística e literatura, sobrinho do grande estudioso da história e literatura hebraica Yossef Klausner. Fânia Klausner, sua mãe, dona de uma beleza ímpar e de uma retórica incomum, com extrema naturalidade usava da habilidade de se colocar no centro das conversas mais eruditas. Infelizmente, suicidou-se quando o filho tinha 12 anos. Os fatos narrados mostram um verdadeiro êxodo vivido em busca da “terra prometida” a qual, infelizmente, nunca ofereceu o que realmente eles esperavam.

Em uma narrativa marcada pela lembrança das palavras do pai sobre preocupações centrais do povo judeu, Oz, personagem e narrador, relata os motivos de sua rebelião contra o judaísmo e seu ingresso no *kibutz* Hulda.¹ Dentre eles, a criação do Estado de Israel, “um por cento desse povo que exultava e festejava nesta noite, nas ruas, morreria na guerra a ser deflagrada pelos árabes, menos de sete horas depois de o país ter nascido”,² momento em que o colapso de ideologias políticas gerava a perda da confiança na ideia de progresso:

Meu filho, veja isto, abra bem os olhos e observe muito bem tudo isto, por esta noite, meu filho, você nunca vai esquecer, até seu último dia de vida, e sobre esta noite você ainda vai contar aos seus filhos, aos seus netos e bisnetos, ainda por muitos anos, depois que não estivermos mais neste mundo.³

Era ainda menino, quando decidiu que fugiria do destino de ser um judeu. Ir para o *kibutz* acreditava, era realizar o sonho de ser transformado em um altivo combatente, para que “a sua vida também se convertesse numa nova canção, uma vida limpa, honesta e pura como um copo de água gelada num dia de *sharav*.”⁴

No entanto, Oz não conseguiu fugir das marcas do judaísmo, como o uso constante da memória nas narrativas, a maneira inteiramente polida de escrever, de escolher cuidadosa e minuciosamente os adjetivos, a construção de um texto impregnado por conhecimentos adquiridos nas incessantes leituras iniciadas na infância.

¹ Comunidade agrícola ou agroindustrial de responsabilidade coletiva, inspirada nos ideais sionistas e socialistas.

² OZ, 2005, p. 409.

³ OZ, 2005, p. 410.

⁴ *Sharav* significa vento quente que sopra no verão, vindo do deserto. (OZ, 2005, p. 13)



Rebelar-se após um confronto com o pai, por divergências ideológicas, antecipou o espírito de luta que o acompanhava desde criança. O narrador relata que muda seu sobrenome, inconformado com a condição de judeu passivo, que ele acreditava estar em Klausner, sobrenome do pai, para Oz, que quer dizer força, coragem, determinação.

Em outra etnia, ele inicia a construção de uma nova peça, sutil e brilhante que, lapidada, culmina-se em uma narrativa da formação do novo. De Jerusalém até o *kibutz*, a escrita revela-se com diferentes ritmos, aprimorando e aperfeiçoando o relato, o que transforma o resultado final em uma composição literária para além da técnica da autobiografia.

Para descrever, então, o que seria a nova condição em uma comunidade igualitária e democrática, Oz elabora uma escrita que enaltece e acrescenta um ponto relevante a cada valor encontrado na comunidade e em seus membros, os *kibutzniks*: “são sérios, mas não complicados, capazes de dançar e rodopiar até a embriaguez, mas também afeitos ao isolamento, à reflexão.”⁵

Empenhou-se, desse modo, o narrador, em cortar definitivamente os laços com tudo aquilo que o fazia lembrar o lar dos Klausner, porém, não conseguiu se afastar dos livros e da escrita rebuscada. Havia um lugar muito importante em sua vida, reservado à literatura e nenhuma turbulência foi capaz de apagar essa herança marcada pela leitura e pelos ensinamentos dos pais e familiares. Enquanto ouvia as leituras que o pai lhe fazia, às noites, ele decorava a história, as palavras e suas formas, isso o levou a aprender a ler sozinho.

Por morar em Jerusalém, o jovem Oz vivia horrorizado com a Shoah e crescia com a incerteza em relação ao futuro, sem territorialidade própria, reconhecimento social e considerado estrangeiro. Isso o levou a reunir poucas oportunidades de se tornar um adulto confiante; acreditava que a chance de sobreviver estava em se tornar um livro, “a única coisa que tínhamos em abundância eram livros. Incontáveis [...] em todos os cantos da casa [...] os livros são eternos. Quando eu era pequeno, queria ser livro quando crescesse.”⁶

Desde pequeno, Oz sabia como os livros eram escritos, pois observava por trás das costas do pai, enquanto este escrevia, pilhas de livros, que, abertos eram consultados e examinados com cuidado, o pai “copiava-os minuciosamente em uma das suas pequenas fichas, para então montá-los no lugar exato do quebra-cabeça, como um ourives compondo as pedras preciosas de uma tiara.”⁷

⁵ OZ, 2005, p. 490.

⁶ OZ, 2005, p. 30.

⁷ OZ, 2005, p. 311.



O contato com Tolstói, Dostoiévski e Kafka o fizeram aperfeiçoar, esmerar e retocar, sempre, palavras e frases nas construções de suas narrativas. Na procura e no aperfeiçoamento de um estilo refinado, o escritor atribuiu aos seus textos uma combinação de aspectos da tradição literária que sinalizam a sua formação com a sua forma de escrever.

Oz reconhece a escrita como arte, seja na reescrita de histórias, cortes, recortes, aperfeiçoamentos de frases e palavras. Sua estrutura de composição se apoia em um suporte: a memória, da qual se apropria e na qual fixa os fatos, ou seja, aprisiona-os no tempo da escrita, o que, inevitavelmente, expressa sua raiz judaica, arraigada à preocupação com a escrita para o futuro.

A escrita para a posteridade é analisada por Jacques Derrida em *Mal de arquivo* como uma abertura para o futuro que evidencia aspectos próprios do judaísmo – o apego ao contrato divino que carrega seu emblema no corpo, a circuncisão, marca que subsiste como memorial. A marca desse pacto no corpo judaico, a instituição da circuncisão, encontra-se na Bíblia, em *Gênesis*:

Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações.⁸

Na esperança do cumprimento da promessa divina, impera, no judaísmo, uma junção entre a história e a memória. Traços essenciais, a “unicidade absoluta na experiência da promessa (futuro) e a injunção da memória (passado)”, a obrigação do arquivo.⁹

A transmissão oral entre os judeus é, por isso, uma característica que perpetua uma necessidade de deixar aos filhos a tradição da escrita para memória e para a posteridade. Em *Salmos*, temos: “o que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não encobriremos aos nossos filhos, contaremos às vindouras gerações”.¹⁰

A noção de posterioridade se inicia na impossibilidade de uma interpretação sucinta que reduza a uma mera concepção psicanalítica da história do sujeito a um determinismo linear que explicita a ação do passado sobre o presente. Mais

⁸ Gn 17:9-12.

⁹ DERRIDA, 2001, p. 97.

¹⁰ Sl 78:3-4.



definida é a concepção freudiana de posterioridade, afirmam Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis:

1. Não é o vivido em geral que é remodelado *a posteriori*, mas antes a que, no momento em foi vivido, não pôde integrar-se plenamente num contexto significativo. 2. O modelo dessa vivência é o acontecimento traumatizante. A remodelação *a posteriori* é acelerada pelo aparecimento de acontecimentos e de situações, ou por maturação orgânica, que vão permitir ao sujeito o acesso a um novo tipo de significações e a reelaboração das suas experiências anteriores.¹¹

De forma semelhante, vê-se a recriação de um passado sobre a qual reflete sobre a dúvida de ter realmente acontecido ou estar apenas anotado na memória: pois, “a lembrança dos fatos vividos surge de repente e adeja um instante, num tremor, em ritmos e focos variados, apenas um vislumbre antes de se congelar e imobilizar em memória de uma memória”.¹²

O olhar de menino, de Oz, desse modo, expõe um pouco daquilo que ficou guardado na memória sobre os fatos que os pais sempre recordavam, porém, com uma imagem distante da visão deles, pois a história da qual se apropria como herança apresenta diferenças.

O uso de digressões o faz lembrar fatos vividos durante os treze anos que pôde passar ao lado da mãe, momentos com o pai, tempo no *kibutz*, visita a casas de escritores, conversas com familiares. Essas cenas que revivia em sua imaginação eram acompanhadas de repentinas vibrações. Ele parece revivê-las, no momento da narrativa, o que outrora havia sentido ou pensava tê-lo vivido, ou seja, a manifestação de uma boa memória. Segundo Douwe Draaisma, quando alguém percebe que a tem, acha fácil absorver recordações e retê-las durante muito tempo.¹³ Ao absorver e reviver as recordações, estas se manifestam por intermédio de reações, de lembranças, de emoções abruptas e nervosas, que atravessam caminhos desconhecidos, porém percorridos pela memória.

Em obediência à tradição judaica, Árie Klausner, pai de Oz, não encobriu ao filho o que deveria ser passado às gerações vindouras. Este, por sua vez, continuou o processo, como um rebelado, mas com o coração cravado em suas origens: “Papai gostava muito de me explicar em detalhes todo tipo de relação entre as palavras. Relações de proximidade e de oposição, como se de fato as

¹¹ LAPLANCHE; PONTALIS, 2000.

¹² OZ, 2005, p. 89-90.

¹³ DRAAISMA, 2005.



palavras constituíssem uma grande e ramificada família vinda da Europa Oriental”.¹⁴

Desse modo, não basta ouvir, mas, deve-se aprender e contar e, como o pai, no ofício de um relojoeiro, “com um olho meio fechado e o outro grudado na lente de relojoeiro, uma pequena pinça entre os dedos”, com o cuidado necessário:

De tempos em tempos, com os braços delicados da pinça, ergo com todo o cuidado um desses tênues fragmentos de texto, coloco à altura dos olhos e examino à luz, observo por todos os lados, e então volto a curvar-me sobre a escrivantina, aparo as arestas e dou um polimento, e de novo ergo e examino à luz, dou novo polimento e insiro com todo cuidado as palavras ou a expressão no tecido do texto que estou tecendo.¹⁵

Desde a mais tenra idade, Oz recebeu da família as palavras como herança,¹⁶ pois conviveu com os livros do tio Yossef, “a camisa de força dos livros do pai”,¹⁷ os livros da mãe, as poesias do vovô Aleksander, os escritos do vizinho. Ele queria ser escritor e, para tanto, passou por uma rigorosa preparação. Sob o conselho, quase imposição, de seu pai, decorava a etimologia das palavras. Árie Klausner era um escritor que se ocupava das minúcias, procurava a origem dos vocábulos, trabalhava lentamente, com paciência, polindo suas “pedras preciosas”. Seu método de trabalho era obsessivo, cada palavra deveria seguir uma ordem, um padrão. Essa arte é transmitida ao filho e, apesar da tentativa de Oz de sair de casa após a morte de sua mãe, de abandonar tudo que fosse relativo ao universo paterno dos livros, as bibliotecas, o saber, e abraçar, de certa forma, o mundo rural do avô materno, foi impossível abrir mão das palavras, afinal, elas eram para eles um alimento.

Draisma faz referência a um costume monástico de ouvir, antes das refeições, uma leitura para que a sede das Escrituras fosse saciada, e todos recebessem a nutrição da Bíblia, costume que levou “automaticamente à metáfora da memória como uma espécie de estômago”.¹⁸ Seriam as palavras alimento? As leituras durante as refeições faziam parte de uma tradição na qual as palavras não são apenas saboreadas, mas mastigadas.

¹⁴ OZ, 2005, p. 38.

¹⁵ OZ, 2005, p. 311.

¹⁶ A palavra “herança” remete à ideia de tradição, assim como a noção de patrimônio familiar.

¹⁷ OZ, 2005, p. 313.

¹⁸ DRAISMA, 2005, p. 63.



Em *Ezequiel*, há o relato de uma visão sobre a qual ele diz ter visto Deus estendendo uma das mãos com o rolo para que ele comesse:

Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas as lamentações, suspiros e ais. Ainda me disse: Filho do homem, come o que achares; come este rolo, vai e fala à casa de Israel. Então, abri a boca, e ele me deu a comer o rolo. E me disse: Filho do homem, dá de comer ao teu ventre e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca me era doce como o mel.¹⁹

A necessidade de deixar aos filhos a tradição da escrita para memória e para a posteridade faz com que o escritor rebelado observe a obra por todos os ângulos, substituindo uma ou outra palavra, e, ainda, “se não ficasse satisfeito, rasgava tudo em pedacinhos e começava tudo de novo”.²⁰

Os livros, assim, foram um importante lugar de memória para o narrador e personagem que os manipulava, buscando escrever e se inscrever no discurso memorialista. O contato constante com os livros – única coisa que tinham em abundância – permitiu-lhe aprender a arte da composição. “Os livros me ensinaram sobre as regiões vertiginosas dessa terra de ninguém, ou zona de sombra, entre o permitido e o proibido, entre o legítimo e o excêntrico, entre o normativo e o bizarro. Essa lição tem me acompanhado por todos esses anos”,²¹ afirma. Para ele:

Livros, muitos livros! E silêncio! A atração parecia estar à flor da pele, que tateava os livros. Aquele aroma maravilhoso, rico, das encadernações em couro e do papel amarelado e cheiro de mofo, mas sutil, com um estranho traço de algas, e o odor de cola envelhecida, sabedoria, segredos, pó.²²

O menino recorda de momentos difíceis em que o pai deveria sair à venda de algum livro a fim de comprar suprimentos para a casa. Vender um livro era comparado ao sacrifício de Isaac no monte Moriá, relatado em *Gênesis*. Com o coração apertado, ele ia à loja do Sr. Meyer para vender alguns exemplares valiosos como se os cortasse de sua própria carne. “Assim curvadas certamente

¹⁹ Ez 2:9-10; Ez 3:1-3.

²⁰ OZ, 2005, p. 312.

²¹ OZ, 2005, p. 33.

²² OZ, 2005, p. 64.



estavam as costas de Abraão ao sair de sua tenda de madrugada, carregando Isaac no ombro a caminho do monte Moriá”.²³ Na Bíblia, narra-se o sacrifício:

Então disse Deus: "Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei". Na manhã seguinte, Abraão levantou-se e preparou o seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e Isaque seu filho. Depois de cortar lenha para o holocausto, partiu em direção ao lugar que Deus lhe havia indicado.²⁴

A certeza de que existem fortes conexões entre a memória e os sentidos faz o escritor moldar minuciosamente sua matéria-prima: palavras e frases. Com elas, ele reconstrói a história quando busca no tempo as memórias e, ao recontar, escreve o que deseja para a posteridade. Assim, a escrita torna-se uma arma que perpetua a memória para que a vida não se perca na calada do esquecimento. Sem ordem cronológica, revisita o seu passado e suas origens para montar o quebra-cabeça de sua identidade.

No que tange à formação de uma nova identidade, vale lembrar que, já no *kibutz*, estudou Literatura na Universidade Hebraica, em Jerusalém. Das aulas, relata que o falar de seu mestre era como uma “chuva a tamborilar nos vidros das janelas, e o vento silvando no jardim”²⁵ e, o silêncio para ouvir as respostas dos alunos, era “como quem ouvisse uma sinfonia muito complexa e tivesse de identificar, dentre muitos, um único som, um som menor, e tivesse de decidir se estava ou não desafinado”.²⁶

Em um novo estilo de vida, mesmo que tenha se empenhado em se distanciar de um estilo de escrita denso e refinado, os resultados de uma rígida disciplina e de um intenso trabalho linguístico revelam segredos, artifícios e invenções da sua criação literária, o que explicita os princípios técnicos que orientam sua escrita. Princípios que o levam a participar, também, da escrita e da reconstrução de uma língua ancestral e mítica: o hebraico moderno.

Mas, o que representaria nascer na primeira geração de uma família em território israelense, com o talento da escrita, no contexto do nascimento de uma nação e, ainda, do renascimento de uma língua? Língua esta que ao desabrochar nesse contexto, recebe deste o respaldo necessário para o seu

²³ OZ, 2005, p. 31.

²⁴ Gn 22:1-2.

²⁵ OZ, 2005, p. 478.

²⁶ OZ, 2005, p. 478.



desvelar? E que, ainda, por ser antiga e estar adormecida, promete ser mais admirável que a criação de um estado judaico no Oriente Médio?

Ao longo de mais de vinte séculos de diáspora judaica, o hebraico bíblico se converteu em um idioma quase litúrgico, próprio das sinagogas. Nos manuscritos bíblicos, lê-se que Esdras foi aclamado guia espiritual e caminho de vida do povo judeu. A ele foi atribuída a compilação da Torá e a sua interpretação, o que conservou tradições, língua e escrita até os dias de hoje:

A Mishná em si era muito conscienciosa e curiosa acerca de suas próprias origens eruditas. Seus sábios propunham algumas excelentes questões históricas: porque as tábuas de Moisés tornaram-se uma Torá oral? Como foi que a Torá oral voltou a ser posta novamente por escrito? Por que o antigo alfabeto hebraico foi abandonado, e o alfabeto quadrado assírio adotado para substituí-lo? Rabi Jose pensava que, muitos anos depois de Moisés dar a Torá, Esdras forneceu o roteiro pelo qual a Torá foi daí por diante escrita. Outro rabi sugeriu que o rolo original deve ter sido escrito naquele alfabeto quadrado assírio, e que o perdemos por causa de nossos pecados e o redescobrimos nos tempos de Esdras.²⁷

O hebraico, atualmente, é o idioma de Israel, mas até o século XIX, foi usado quase que exclusivamente como uma “língua sagrada” na liturgia, na filosofia e na literatura. O maior responsável pelo seu renascimento foi o pioneiro Eliezer Ben Yehuda²⁸ que criou milhares de palavras novas em hebraico, para que a língua se adaptasse ao mundo moderno, seu lema: “Um povo, uma língua”, e ao poeta Haim Nahman Bialik²⁹ (1873-1934) que renovou a linguagem poética judaica para que o hebraico voltasse a ser considerada uma língua viva.

Em Israel, quem primeiro escreveu a prosa hebraica moderna foram os escritores imigrantes daquela época, dentre eles, Shmuel Yossef Agnon (1889-

²⁷ OZ; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 28.

²⁸ Eliezer Ben-Yehuda, nascido na Lituânia, em 1858, iniciou o movimento pelo renascimento da língua hebraica como idioma falado. Imigrou para Israel em 1881 e foi o primeiro a fazer uso do hebraico no lar e na escola, criou milhares de novas palavras, fundou dois periódicos em hebraico, foi cofundador do Comitê da Língua Hebraica e compilou vários volumes do Dicionário completo do hebraico.

²⁹ Poeta judeu, considerado um dos mais influentes poetas da língua hebraica e poeta nacional de Israel.



1970) considerado um dos pais dessa literatura. Agnon teve importante papel na vida literária de Oz, por morar em uma casa em frente à casa do tio, Oz e seus pais, em algumas ocasiões, depois de visitarem o tio, atravessavam a rua e entravam na casa de Agnon.

Oz reconhece a importância de Agnon, ao questionar, “Mas, afinal de contas, o que aprendi com ele [Agnon]? Talvez seja isto — projetar mais do que uma única sombra”.³⁰ Foi difícil escapar dessa sombra, “da sua linguagem densa, refinada, da sua pulsação ritmada, de certa placidez vinda da religiosidade junto com os tons cálidos da língua, nos quais ecoam as melodias do ídiche e as modulações da língua hassídica.”³¹

No século XX, os judeus ressuscitaram a língua de patriarcas e profetas para convertê-la no idioma de sua nova nação. Israel tornou-se um laboratório linguístico: inventavam-se vocábulos que se incorporariam à fala cotidiana – e não subsistiriam apenas na Literatura.

Oz, na tentativa de criar uma nova identidade para si, fez de tudo para apagar tudo o que o fazia lembrar dos Klausner. No entanto, o esforço em apagar, ou esquecer, é justamente, muitas vezes, o que ajuda a encavar mais fundo ainda a lembrança. Ari Shavit, ao relatar a criação de um dos primeiros *kibutzim*, afirma: “Mesmo quando se rebela contra o judaísmo, ele o faz como um judeu.”³²

Desse modo, Oz, para desenvolver o processo de desenvolvimento de reconstituição e de reconstrução da memória, desvela em sua obra a destruição e a reconstrução de Jerusalém. Sua nova destruição e mais uma vez, a reconstrução. Ele o faz com detalhes que são impressões (no sentido que Derrida confere ao termo) desde a infância. Quando o pai lia histórias para o pequeno dormir, este decorava as palavras, ou seja, identificava-as pelas suas formas, mas depois, entendeu que cada palavra tinha sua forma particular, como um desenho:

Depois de algumas semanas comecei a me familiarizar com as próprias letras. A letra Lamed (do alfabeto hebraico) que aparece na palavra *degel*, bandeira, parecia uma bandeira ondulando ao vento, no começo da palavra. Já a letra Schin parecia um tridente, um tridente que se podia tocar[...] E “papai” e “mamãe” eram muito parecidos, menos no meio, onde papai tinha uma porta larga, como duas mãos que se estendiam para me abraçar,

³⁰ OZ, 2005, p. 97.

³¹ OZ, 2005, p. 97.

³² SHAVIT, 2016, p. 235.



enquanto mamãe tinha um cachorrinho sem rabo, sentado bem quietinho.³³

Declarada sua independência depois de partir para o *kibutz*, obstinado, Oz transforma seu estilo de escrita. Na condição de rebelado, busca para si uma terra e sua infância adormecida ou até mesmo esquecida, para deixá-la gravada para a memória. Para isso, faz uso dos ecos de palavras, reconstruindo uma memória pessoal, buscando uma espécie de redenção de um combatente.

Consciente, o narrador escreve com a convicção de que apenas com palavras não se constrói um povo, não bastam mentes preparadas, mestres, doutores, títulos. Para construir uma nação, depende-se muito mais de força, de braços fortes. Em casa, tinha um pai, poliglota e profundo conhecedor de linguística e literatura, que, no entanto, jamais conquistou um merecido e almejado cargo na universidade, nem mesmo quando se doutorou. A mãe, que também era letrada, em Israel, era dona de casa. Portanto, era preciso mais do que o diploma, tão almejado, para se conseguir estabelecer um Estado, como era desejado.

Com essa perspectiva, Oz deixa aflorar a escrita decidida, acrescida de valores igualitários, da liberdade que busca a fraternidade. Tendo caído diretamente na boca do fogo, como “quando um homem foge do leão, acaba esbarrando no urso”,³⁴ ele expõe a diferença do hebraico usado no *kibutz* e aquele erudito e rebuscado, que falava em casa, com os pais.

De acordo com sua narrativa, ele prendeu com Sherwood Anderson, em *Winesburg Ohio*, que se deve escrever sobre o lugar em que se está vivendo, “o mundo da escrita girava em torno da mão que escrevia, no lugar em que ela escrevia”.³⁵ Sendo assim, o narrador entrega-se a uma escrita, agora, diferente. Seca, sem fantasias, real, dinamitada de palavras carregadas de força e de coragem, sobre o que se está vivenciando.

Ele declara ser dono de uma escrita apegada, impossível de ser desvencilhada; trabalhada às escondidas, que traía seu construtor. Mesmo se esquivando, ele declara que o oposto o atraía. Os bronzeados jovens gigantesco do *kibutz* o faziam lembrar-se do menino branquelo, magro e falante que foi. Nascer de novo era um difícil processo. Era preciso sair da condição de “verme de Jacó” para o novo Israel. O escritor assim resume a marca da memória, principalmente da biblioteca do tio e dos livros de outros autores, em seu ofício:

³³ OZ, 2005, p. 320.

³⁴ OZ, 2005, p. 550.

³⁵ OZ, 2005, p. 557.



O cheiro da biblioteca de meu tio me acompanhará vida afora: o odor empoeirado e sedutor dos sete saberes ocultos, o perfume de uma vida silenciosa e retirada, dedicada à erudição, à vida quieta de um ermitão, o silêncio espectral que se eleva das profundezas do conhecimento e da doutrina, os sussurros vindos dos lábios de sábios mortos, o murmúrio dos pensamentos secretos de escritores que já então habitavam o pó, o gélido afago de autoridade das gerações passadas.³⁶

A biblioteca, a tradição judaica da família e dos escritores, seus precursores, deixa, portanto, no registro indelével de Amos Oz, as marcas profundas da memória – a lembrança, o esquecimento – e, na escrita, podemos vislumbrar o ofício singular desse escritor.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: SBB, 1993.

DERRIDA, Jaques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DRAAISMA, Douwe. *Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente*. Trad. Jussara Simões. São Paulo: EDUSC, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. Santos: Martins Fontes, 2000.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fânia. *Os judeus e as palavras*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OZ, Amós. *De amor e trevas*. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SHAVIT, Ari. *Minha terra prometida: o triunfo e a tragédia de Israel*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

Recebido em: 20/02/2019.

Aprovado em: 23/03/2019.

³⁶ OZ, 2005, p. 62.